

# LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA E OUTRAS LÍNGUAS DE SINAIS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ORG.  
CELDA MORGADO  
ANA MARIA BRITO

PORTO / 2022

**LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA  
E OUTRAS LÍNGUAS DE SINAIS**  
ESTUDOS LINGUÍSTICOS

## FICHA TÉCNICA

**Título:** Língua Gestual Portuguesa e outras Línguas de Sinais  
Estudos Linguísticos

**Organizadoras:** Celda Morgado e Ana Maria Brito

**Capa:** Gabinete de Imagem, ESE, Politécnico do Porto

**Design Gráfico:** Liliana Ferreira

**Impressão e acabamentos:** Norprint – A casa do livro

**Depósito Legal:** 493552/21

**ISBN:** 978-989-9082-02-1

**Tiragem:** 200 exemplares

**DOI:** <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-02-1/ling>

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/00022/2020» e apoiada pela Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.

Os capítulos do livro foram sujeitos a “peer review”.

### Organização e financiamento

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**CLUL**  
Centro de  
Linguística da  
Universidade do  
Porto

**U.PORTO**  
FEUP - FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

### Apoios

**ESCOLA  
SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO**

**P.PORTO**

**CENTRO DE INVESTIGAÇÃO & INOVAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CENTRE FOR RESEARCH & INNOVATION IN EDUCATION**



# Iconicidade na Libras: quando e como se realiza?

**Rosana Constâncio**

*rosanajanes@ufgd.edu.br*

Faculdade de Educação a Distância – EaD/UFGD; Grupo de Estudos e Pesquisas PORLIBRAS;  
Grupo de Pesquisa GELES – Grupo de Estudos em Libras e Educação de Surdos (Brasil)

**Jorge Bidarra**

*jorgebidarra@hotmail.com*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Grupo de Estudos e Pesquisas  
PORLIBRAS; Grupo de Pesquisa Linguagem e Sociedade – UNIOESTE/CNPq (Brasil)

## Abstract

Studies focused on Libras have produced promising and highly relevant results. However, it is curious to note that despite the advances, for many of us the idea still prevails that the signs that make up the lexicon of the Brazilian Sign Language are all iconic. Intrigued by this view, we decided to investigate the issue more closely. Here we present some preliminary results obtained with the studies that we have been developing in this regard. Although there are still many unanswered problems to conduct the analysis, one of them stands out: Is it true that the signs of Libras are iconic? In other words: if this is true, can we then say that these signs are not subject to any morphophonemic rules? To answer this question, we use not only, but mainly, Klima & Bellugi (1979), Taub (2001), Sallandre (2007), Cruz-Aldetre (2013), Perniss & Vigliocco (2014), Ortega (2017), Martins (2017) and Perlman et al. (2018). What the analyses have pointed out to us so far is that this statement does not hold up, as we will try to show throughout this chapter.

**Keywords:** Libras, iconicity, Typology of Signs.

## Resumo

Os estudos focados na Libras têm produzido resultados promissores e altamente relevantes. Todavia, curioso é notar que, a despeito dos avanços, para muitos de nós ainda prevalece a ideia de que os sinais que compõem o léxico da Língua Brasileira

de Sinais são todos icônicos. Intrigados com essa visão, resolvemos investigar a questão mais de perto. Apresentamos aqui alguns resultados preliminares obtidos com os estudos que vimos desenvolvendo a esse respeito. Embora sejam muitos os problemas ainda sem respostas, para conduzir as análises, um deles se destaca: Seria verdade que os sinais da Libras são realmente icônicos? Em outras palavras: se isso é verdade, podemos afirmar então que esses sinais não se submetem a nenhuma regra morfofonética? Para respondermos essa pergunta, valemo-nos não apenas, mas principalmente, de Klima & Bellugi (1979), Taub (2001), Sallandre (2007), Cruz-Aldetre (2013), Perniss & Vigliocco (2014), Ortega (2017), Martins (2017) e Perlman et al. (2018). O que as análises nos apontam até o momento é que essa afirmação não se sustenta, como tentaremos mostrar ao longo deste capítulo.

**Palavras-chave:** Libras, iconicidade, Tipologia dos Sinais.

## 1. Introdução

Das práticas educacionais aos estudos dos fenômenos linguísticos que se manifestam nas línguas de sinais, os avanços que vêm sendo obtidos em ambas as áreas têm sido realmente notáveis. Apesar disso, há muitos problemas, tanto numa quanto noutra área, que ainda precisam ser aprofundados, entendidos e esclarecidos. O que trazemos para o debate é uma reflexão a respeito da tão propalada “iconicidade” que, à primeira vista, parece dominar a natureza dos sinais que compõem o seu léxico.

Não há dúvida de que a iconicidade é uma propriedade presente em todas as línguas naturais, mas, talvez pelo fato de as línguas de sinais serem realizadas por “gestos” executados visoespacialmente (Cruz-Aldetre, 2013), essa sua modalidade de realização tende provocar nas pessoas a ideia, equivocada a bem da verdade, de que todos os sinais produzidos nas línguas de sinais de uma maneira geral, e na Libras de modo particular, sejam de fato icônicos. No entanto, há muitos estudos que nos mostram que esse tipo de afirmação não se sustenta de maneira alguma.

Debruçando-nos sobre o assunto, o que as nossas análises têm nos mostrado até o presente momento, corroborando assim o que muitos pesquisadores já vêm confirmando há um bom tempo, é que sendo os sinais morfofonologicamente compostos por uma complexa combinação de parâmetros que, em conjunto, atribuem a eles (os sinais) uma capacidade diferenciada de se manifestarem, de fato não é verdade que todos os sinais sejam icônicos, mas muito pelo contrário.

Partindo desse ponto, com base em questões e aspectos relevantes sobre a formação e o modo de realização dos sinais, estando mais especificamente o nosso foco voltado para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), o que pretendemos discutir nesse capítulo é que esse que chamaremos aqui de senso comum não se assenta em bases minimamente sólidas e, menos ainda plausíveis, ao ponto imaginarmos que essa visão possa de algum modo prosperar.

Com isso em mente, iniciaremos o debate traçando o percurso investigativo que tem nos permitido delinear e delimitar o objeto da pesquisa que dá corpo à tese de doutorado, intitulada “Relações de Arbitrariedade e Iconicidade na formação dos si-

nais em Libras”, em andamento, conduzida pela primeira autora, sob a orientação do segundo autor.

## 2. Procedimentos teórico-metodológicos

Buscando não apenas identificarmos, mas também, e é claro, analisarmos as circunstâncias que poderiam nos levar a uma visão, voltamos a afirmar equivocada, de que todos os sinais da Libras são icônicos, optamos por uma investigação comparativa de cunho qualitativo, da qual tomam parte, de um lado, os 400 sinais registrados pelo dicionário “Iconographia dos Signaes dos Surdos–Mudos”, de autoria de Flausino José da Gama (1875) e de outro, três outras obras mais recentes publicadas a partir dos anos 60, nomeadamente “Linguagem das Mãos”, de Eugênio Oates, 1969, “Linguagem de Sinais”, da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (1992) e “Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, LIBRAS”, de Capovilla e Raphael (2001).

Com as obras selecionadas e a tabulação dos dados coletados e devidamente alinhados, buscamos verificar, tomando por base os parâmetros que conformam cada um dos sinais da Libras, até que ponto um sinal se assemelha ou se diferencia de outro em relação à forma como se realizam, e sobretudo se as suas sinalizações nos permitem classificá-los como icônicos ou não.

Desse escrutínio, o que até então temos podido observar é que, na realidade, os sinais da Libras, ao contrário do que se possa imaginar à primeira vista, não podem e nem têm como ser enquadrados, todos, como icônicos. Como veremos mais adiante, embora existam de fato os sinais icônicos, muitos sinais são passíveis de outros tipos de classificação, a saber: translúcidos, obscuros e arbitrários, sendo, portanto, o assunto que motiva a pesquisa em tela.

Antes, porém, de avançarmos com o debate, cabe-nos esclarecer o seguinte: nesse nosso trabalho não estamos interessados e/ou preocupados em analisar os sinais diacronicamente. Antes, o nosso objetivo é analisarmos os sinais analítico-descritivamente tais como registrados em cada uma das quatro obras acima mencionadas. Para tanto, como já mencionado anteriormente, tomamos por base tão somente os parâmetros usados na constituição de cada um dos sinais sob escrutínio, sem nos preocuparmos com as possíveis modificações que os sinais tenham sofrido ao longo do tempo.

## 3. Os sinais da Libras são icônicos: mito ou verdade?

A questão da arbitrariedade e da iconicidade nas línguas, sejam elas faladas ou sinalizadas, é muito mais complexa do que pode parecer à priori. Se para as línguas faladas a decisão sobre se uma palavra é icônica ou arbitrária não é uma tarefa fácil, quando se trata das línguas de sinais, a mesma dificuldade parece não existir. Será mesmo?

Apesar do reconhecimento linguístico como uma língua natural, ainda prevalece uma crença de que, se não todos, a grande maioria dos itens lexicais das línguas de sinais são icônicos (Cruz-Aldetre, 2013). Segundo ela, tal afirmativa não se sustenta,

pois se nas línguas de sinais todos os sinais fossem icônicos seria de se esperar que os mesmos referentes apresentassem uma padronização no sinal. No entanto, tal premissa não se verifica, uma vez que cada língua de sinais apresenta uma constituição própria na formação do sinal considerando a singularidade do grau de motivação do sinal em relação ao referente.

Assim, considerando que na corrente teórica da Linguística Funcionalista a iconicidade é definida tomando-se por base a relação estabelecida entre a forma e a função, isto é, o paradigma funcionalista ressalta o valor da interação verbal, compreendendo a performance em situações contextuais para explicar os fenômenos linguísticos, é que buscamos explicar a relação de arbitrariedade e iconicidade na formação dos sinais da Libras, compreendendo que arbitrariedade e iconicidade não são conceitos divergentes, mas que se constituem e se integram em um *continuum* onde o signo linguístico pode ser concebido plasmado em uma imagem já existente, mas concebido arbitrariamente.

Dessa forma, nossa sustentação na Linguística Funcionalista é por considerarmos que os fenômenos linguísticos de arbitrariedade e iconicidade se integram em um *continuum* onde os sinais da Libras podem apresentar outras tipologias para além da iconicidade/arbitrariedade, considerando as tipologias como translúcido, obscuro e opaco.

Pesquisadores como Taub (1997, 2000, 2001), Klima & Bellugi (1979), Cuxac (1993, 1999, 2003), Sallandre (1999, 2003, 2006, 2007), defendem que tanto as línguas orais como língua de sinais possuem semelhanças em suas propriedades linguísticas.

Assim, apresentamos de forma sucinta as considerações obtidas das investigações dos pesquisadores quanto ao fenômeno linguístico da iconicidade nas línguas pesquisadas pelos mesmos.

De acordo com eles, para que possamos discutir adequadamente o funcionamento das línguas de sinais, especialmente em relação a esse tópico, necessário se faz, antes de tudo, que vejamos a iconicidade como uma “noção operatória”, a partir da qual os sinais estabelecem uma relação de semelhança com seu referente, possibilitando sentido para e com o outro.

No entanto, embora alguns sinais apresentem características icônicas, essa iconicidade “de forma alguma determina os detalhes reais da forma” (Klima & Bellugi, 1979, p.21). Isso porque um sinal atribuído a um referente pode ser considerado icônico, mas divergem na sua representação e caracterização, como o clássico exemplo do sinal atribuído ao referente ÁRVORE.



Chinese Sign Language



Danish Sign Language



American Sign Language

Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 525)

Na Língua de Sinais Chinesa – CSL, o sinal se realiza com as duas mãos com a mesma configuração de mão, com o movimento de baixo para cima simulando o tronco da árvore. Já na Língua de Sinais Dinamarquesa – DSL, o sinal é realizado com as duas mãos com a mesma configuração de mão, em volta do rosto do sinalizador iniciando da cabeça até o pescoço aproximando as mãos e descendo representando o tronco da árvore. Todavia na Língua de Sinais Americana - ASL, o sinal é realizado com as duas mãos com configuração de mãos distintas, sendo uma a base com a palma para baixo servindo de apoio para que o braço se posicione na posição vertical dobrado apoiando o cotovelo. Neste braço a mão está aberta, com os dedos separados, realizando um movimento de girar para os lados.

Por consequência, a relação que se estabelece do conceito linguístico de iconicidade nas línguas, revela que o sinal de um idioma pode se concentrar em certos recursos visuais do significado, enquanto o outro pode se concentrar em recursos visuais diferentes.

Assim sendo, para Taub (2000) em relação à iconicidade, o termo alude a um processo cognitivo que permite ao indivíduo mapear a estrutura de um objeto, isto é, considera que não há uma relação objetiva entre imagem e referente, mas uma relação entre este último e o modelo de imagens mentais, o qual é motivado por experiências humanas, vividas em dada comunidade e imersas em certa cultura como bem representado com o exemplo de *ÁRVORE*.

De conformidade, para Cuxac & Sallandre (2007), a iconicidade pode representar várias categorias, sendo a primeira denominada pelos autores como uma estrutura altamente icônica, considerada como iconicidade imagética, pois refletem uma imagem do universo mental que pressupõe uma intenção de mostrar, ilustrar e demonstrar ao dizer, sendo que essas intenções cognitivas classificadas como “transferências” que representam estruturas altamente icônicas.

Em síntese, essas transferências podem ser identificadas por eles como: transferência de tamanho e forma, transferência de situação e transferência de pessoa possibilitando uma reprodução icônica, considerando ainda a possibilidade de que essas estruturas possam ser combinadas.

Para além dessa forma de iconicidade na LSF, Cuxac & Salandre (2007) asseveram que há também o que denominam como sinais congelados, que representam uma evolução “econômica” onde o sinal resulta de uma associação, como por exemplo, o sinal de peixe que foi associado à sexta-feira. Assim, os sinais emergem e se estabilizam, envolvendo as ações cognitivas identificadas na linguística funcional.

Consideram ainda a possibilidade da iconicidade diagramática no uso do espaço na LSF onde o sinal pode ser realizado com o dedo apontando (anafóricos), ou mesmo para situar o referente no espaço onde as mensagens são construídas similar a um diagrama. Cuxac & Salandre (2007) asseveram que a iconicidade diagramática pode ocorrer na construção de uma referência espacial, referência de tempo, referência de pessoas.

Por conseguinte, as investigações realizadas por Lai & Yang (2009) fundamentados nas pesquisas de Tai (2001; 2005) e Su (2004) sobre os fenômenos linguísticos de iconicidade e arbitrariedade na Língua de Sinais Taiwanês, os levaram a conclusão que as motivações que sustentam a presença de sinais icônicos nessa língua ocorrem de quatro modos, a saber:



(i) imagética, situação em que, quando por meio das configurações assumidas por uma ou pelas duas mãos, é possível identificar sem maiores dificuldades a que entidade o sinal se refere, isto é, o significado é evidente e pode ser imediatamente identificado, mesmo sem o conhecimento da língua de sinais;

(ii) diagramática, manifestação que se dá pela localização. Em tal circunstância, segundo esses autores, são descartadas as relações sistemáticas de signos que são análogos aos de seus referentes; por exemplo, na Libras, o sinal de ideia, pensar e saber, o significado pode não ser imediatamente identificado, mas podem ser compreendidos na representação do sinal, pois os três são realizados na testa (cabeça) onde realizamos o nosso raciocínio, assim o signo lexical está diagramaticamente representado pela sua localização, configuração de mão, movimento, diagramático das mãos;

(iii) metonímia, considerada como uma associação onde uma determinada entidade representa o seu próprio significado, como por exemplo o sinal de enfermeira que é realizado com a representação de uma cruz vermelha. Assim o sinal remete a uma representação do referente;

(iv) metafórica, situação em que a iconicidade se manifesta pela orientação das mãos, é usada para expressar conceitos abstratos, por exemplo quando o movimento de mão pode apresentar significados distintos estando unidas ou separadas, isto é, “fechado” ou “aberto”.

Já os sinais que não se enquadram nessas categorias correspondem aos sinais arbitrários. Portanto, para esses pesquisadores os referentes icônicos podem se classificar de acordo com as várias tipologias onde cada qual se constitui por apresentar uma relação de semelhança; representar uma ação ou mesmo um objeto; por fazerem uso das expressões faciais e porque alguns podem ser similares ou mesmo idênticos a determinados gestos convencionais utilizados em determinada cultura.

Na Libras, Martins (2017) realiza uma análise do papel que a iconicidade do sinal desempenha nos dicionários de língua de sinais. Segundo os dados obtidos em sua pesquisa, os resultados apontam que os sinais icônicos têm significado admissível e adivinhável.

Os resultados obtidos com a pesquisa de Martins (2017) sugerem que, aparentemente, a admissibilidade só passa a predizer fortemente a adivinhabilidade quando essa admissibilidade ultrapassar certo limiar de forte admissibilidade, ou seja, centra os estudos na iconicidade dos sinais analisando a relação entre a forma do sinal ser considerada admissível na representação do significado, sendo este significado possível de ser adivinhado.

No entanto, Taub (2001) assevera que nas línguas de sinais a semelhança que se estabelece entre uma forma e seu significado não é algo objetivo, mas sim uma relação que se estabelece a partir dos processos cognitivos que o indivíduo realiza quando faz a comparação.



#### 4. Dados de análise e discussão dos resultados obtidos até o presente momento

Nossas investigações revelam que na Libras é possível a presença de outras tipologias onde a iconicidade pode evoluir de uma forma inicialmente transparente/imagética, translúcida/diagramática, obscura/metafórica, para opacidade/arbitrariedade.

Esse fenômeno já investigado em outras línguas de sinais nos permitem compreender a iconicidade e arbitrariedade não como conceitos opostos/divergentes, mas considerando a iconicidade como uma característica igualmente importante da linguagem (Dingemanse et al, 2015; Perniss et al, 2018).

Para exemplificar, apresentamos o referente *COMER* em sua origem e o mesmo referente nas demais obras considerando que há elementos de uma transferência imagética revelando claramente o significado do item lexical.

**Quadro 1:** referente *COMER*

Século XIX Dicionário de Flausino José da Gama 1875	Século XX Dos anos de 1960 a 1989	Século XX Dos anos de 1990 a 1999	Século XXI Dos anos de 2000 até os dias atuais
			
I. <i>COMER</i> Deve preceder o sinal de coisa que se come.	I. <i>COMER</i> Mover os dedos direitos para baixo e para cima, diante dos lábios.	I. <i>COMER</i> Mão direita aberta, dedos unidos e palma para dentro, próximo à boca. Movimentar rapidamente os dedos para baixo e para cima.	I. <i>COMER</i> Mão direita vertical aberta, palma para dentro, diante da boca. Flexionar os dedos duas vezes.

Fonte: Gama (1875, p.20) Oates (1969, p. 31) Torre de Vigia (1992, p. 30) Capovilla (2001, p. 434)

O referente *COMER* na obra de Gama (1875) é registrado como a representação de “coisa que se come” caracterizando o ato de ingerir uma refeição (alimento). Nas demais obras selecionadas não houve mudança do referente em sua realização no ato de sinalizar.

Nesse item lexical, a relação icônica que ocorre entre significado e significante se estabelece pela forma e localização da mão, isto é, a relação icônica que ocorre entre significado e significante se estabelece pela forma e localização da mão.

Na constituição temos os parâmetros de configuração de mão (CM), o de localização (L) e o de movimento (M). Nas demais obras não houve alteração nem acréscimo de parâmetro, o que indica que o sinal é icônico/transparente em todas as obras.

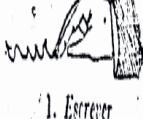



Assim, um outro exemplo é o sinal registrado para o referente *ESCREVER*; na obra de Gama (1875) não consta nenhuma descrição para realização do sinal, o que nos remete a compreender que era considerado um sinal altamente icônico, pois somente com a realização do sinal era possível levar a compreensão do significado como correspondendo a sua imagem, sendo assim transparente.

Nas obras de Oates (1969), Torre de Vigia (1992) e Capovilla e Raphael (2001), o sinal apresenta a mesma formação quanto à configuração de mão, localização e

movimento. No entanto, há o acréscimo da mão esquerda para representar o local onde se escreve, pois o sinal é descrito com objetivo de simular alguém escrevendo.

Assim, tal como no sinal de COMER, o sinal para ESCREVER apresenta uma relação icônica (transparente), considerando o significado e significante para o ato que representa as características que refletem as interações culturais dos humanos com essas ações.

**Quadro 2: referente ESCREVER**





			
<p>2. ESCREVER Não há uma descrição da realização do sinal.</p>	<p>2. ESCREVER Simular alguém escrevendo na palma esquerda.</p>	<p>2. ESCREVER Simular alguém escrevendo na palma esquerda.</p>	<p>2. ESCREVER Mão esquerda horizontal aberta, palma para dentro, inclinada para cima; mão direita horizontal para baixo, dedos indicador e polegar unidos pelas pontas, tocando a base da palma esquerda. Mover a mão direita em direção às pontas dos dedos esquerdos, balançando-os para frente e para trás.</p>

Fonte: Gama (1875, p.18) Oates, (1969, p. 45) Torre de Vigia (1992, p. 49) Capovilla (2001, p. 603)

Já para o referente de ovo constatamos que ocorre uma possibilidade de mostrar uma característica que é construída pelo uso, ou seja, ocorre uma descrição do ato desse referente onde a experiência extralinguística possibilita a compreensão da sinalização. Segundo os pesquisadores essa possibilidade de apresentar uma característica do signo nas línguas de sinais é classificada como “transferência” (Cuxac, 2000; Sallandre, 2003).

Para esse referente identificamos como representando a tipologia de um item lexical translúcido, pois o sinal é compreensível a partir da realização do sinal.

**Quadro 3: referente ovos**

			
<p>3. ovos Bater com as extremidades dos dedos, umas contra as outras, como se quebrassem ovos batendo um no outro.</p>	<p>3. ovos Mãos separadas, palma a palma dedos unidos pelas pontas. Bater duas vezes as pontas dos dedos de uma mão contra as pontas da outra e, em seguida, virar as pontas dos dedos para baixo.</p>	<p>3. ovos Mãos em “C”, palmas uma em frente à outra. Encostar as pontas dos dedos iguais, jogar as mãos para os lados ao mesmo tempo virando as palmas para baixo.</p>	<p>3. ovos Mãos em “O” horizontal, palma a palma. Aproximar as mãos até que se toquem e então girá-las pelos pulsos para baixo, abrindo os dedos.</p>




Fonte: Gama (1875, p. 14) Oates (1969, p. 192) Torre de Vigia (1992, p. 254) Capovilla & Raphael (2001, p. 989)

Na constituição desse item lexical ambas as mãos usam a mesma configuração de mão realizando o mesmo movimento, porém em sentidos de convergência e espalhamento dos dedos com a direção do movimento para baixo com abertura dos dedos. Há uma representação icônica do ato de bater os ovos para quebrar a casca do ovo.

Segundo Perniss & Vigliocco (2014) os sinais translúcidos inicialmente podem não ser compreendidos, mas a motivação para sua constituição é. Assim, o seu significado pode não ser adivinhado, mas se lhe for dada a opção de escolha a sua alternativa será a correta.

Ao analisarmos o referente de ESPELHO que consta em todas as obras, consideramos que é um item lexical obscuro, pois existe uma relação com o referente, mas somente depois de contextualizado é possível ser admissível e compreendido.

**Quadro 4: referente ESPELHO**

Século XIX Dicionário de Flausino José da Gama 1875	Século XX Dos anos de 1960 a 1989	Século XX Dos anos de 1990 a 1999	Século XXI Dos anos de 2000 até os dias atuais
			
4. ESPELHO Na obra não há uma explicação desse referente.	4. ESPELHO Mão esquerda aberta diante do rosto, palma e dedos ligeiramente inclinados para frente e para cima. Tremular a mão rapidamente.	4. ESPELHO Mão direita aberta, dedos separados e apontados para cima, palma para dentro diante do rosto. Tremular a mão levemente.	4. ESPELHO Mão direita vertical aberta, palma para dentro, inclinada para cima, diante do rosto. Girar a mão pelo pulso para os lados.

Fonte: Gama (1875, p.20)

Oates, (1969, p. 112)





Torre de Vigia (1992, p. 112)

Capovilla (2001, p. 610)

Neste referente há em sua constituição o uso de quatro parâmetros que são CM, L, M e D, sendo que para a compreensão do seu significado é necessária uma explicação.

Quanto ao item lexical PREGUIÇOSO nossas análises consideram-no como um referente opaco/arbitrário uma vez que não ocorre uma relação direta com o referente. É um conceito que é construído culturalmente e socialmente. Para cada período há um registro na sua realização; no entanto, a sua formação se constitui com os mesmos parâmetros com configuração de mão, movimento, localização. De acordo com Perniss & Vigliocco (2014) os sinais opacos são os sinais que não são icônicos.

**Quadro 5: referente PREGUIÇOSO**

			
5. PREGUIÇOSO Não consta o registro de como realizar o sinal.	5. PREGUIÇOSO Pontas dos dedos direitos unidos, apontando para baixo, colocadas diante da testa. Baixar a mão numa linha reta e inclinar um pouco a cabeça para frente ao mesmo tempo.	5. PREGUIÇOSO Mão direita em “Y”, palma para dentro, dedos para cima. Bater duas vezes o lado do dedo mínimo no lado do rosto, entre o olho e a orelha.	5. PREGUIÇOSO Mão direita vertical, palma para a esquerda, pontas dos dedos unidas tocando o lado direito da testa. Mover a mão para baixo, inclinando um pouco a cabeça para frente, com expressão de cansaço.

Fonte: Gama (1875, p.32)




Oates (1969, p. 144)

Torre de Vigia (1992, p.149)

Capovilla (2001, p. 1074)

Até o momento, o que os dados analisados estão nos revelando é que é possível que o mesmo ocorra nos sinais da Libras quanto aos principais parâmetros que formam os sinais: quando se trata de *sinais transparentes/imagéticos* têm em sua constituição os parâmetros configurações de mão, movimento e ponto de articulação; nos *sinais translúcidos/diagramáticos* a semântica da representação dos sinais tem como parâmetro de base o ponto de articulação e expressão não-manuais; os *sinais obscuros/metafórico* têm ênfase nos parâmetros de configuração de mão, movimento e orientação; a *opacidade/arbitrariedade* é fruto de uma convenção.

É possível ainda considerarmos uma contextualização das características semióticas do movimento. Para melhor compreensão trazemos o item lexical AMAR.

O verbo AMAR é considerado um item lexical icônico. Nos dois períodos iniciais este item lexical é realizado com as duas mãos com a CM em  (51 da tabela de Farias-Nascimento), com as mãos no peito. Nos dois períodos subsequentes utiliza-se duas CM,  e .

Na realização do sinal identificamo-lo como icônico, mas as configurações de mãos são arbitrárias, não estabelecendo uma relação do significante e significado do referente. Entretanto, quando analisamos o PA com a realização do sinal no peito, isto remete para iconicidade, porque nos remete a sentimentos.

## 5. Considerações Gerais e Perspectivas Futuras

Consideramos que esse artigo se apresenta relevante, na medida que contribui para a consolidação dos estudos linguísticos da Libras à luz da corrente teórica funcionalista, que compreende a iconicidade não como um fenômeno antagônico da arbitrariedade, mas que analisa as relações entre uma forma e outra, entre uma forma e o seu significado e entre o sistema de formas e seu contexto.

Para além de realizarmos uma classificação tipológica dos sinais da Libras temos como objetivo identificar como se dá o processo de formação dos sinais da Libras, considerando a relação de iconicidade e arbitrariedade não como conceitos dicotômicos, mas que estão presentes e se constituem como em toda língua natural.

Muito mais do que classificar ou categorizar os tipos de sinais, nossos estudos buscam compreender a formação dos sinais que constituem o corpus dos referentes selecionados, corroborando com os estudos linguísticos que investigam os fenômenos de arbitrariedade e iconicidade na Libras.

## 6. Referências

- Capovilla, F. C., & Duarte, R. W. (eds.). (2001). *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Cruz-Aldrete, M., & Villa-Rodríguez, M. Á. (2013). La iconicidad en la formación del lexicón en la Lengua de Señas Mexicana. *Lengua y Habla*, 17, 14-33.
- Cuxac, Ch., & Sallandre, M.-A. (2007). Iconicity and arbitrariness in French sign language –highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. In E. Pizzuto, P. Pietrandrea, & R. Simone (Eds.). *Verbal and Signed Languages: Comparing Structures, Constructs and Methodologies* (pp.13-33). Berlin: Mouton de Gruyter
- Faria-do-Nascimento, S. P. (2009). *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicográfica*. Dissertação de doutorado. UnB / Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Brasília.
- Furtado da Cunha, A. (2008). Funcionalismo. In: Martelotta, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. (pp. 157-176). São Paulo: Contexto.
- Gama, F. J. (1875). *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert.
- Lai, Y. D.; Yang, L. C. (2009). Iconicity and Arbitrariness in Taiwan Sign Language: A Psycholinguistic Account. *MingDao Journal*, 5, 2, 159-187.
- Martins, A. C. (2017). *Lexicografia, Metalexigrafia e Natureza da Iconicidade da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo
- Oates, E. (1969). *Linguagem das Mãos*. Rio de Janeiro, RJ: Gráfica Editora Livro S.A.
- Perlman, M., Little, H., Thompson, B., & Thompson, R. L. (2018). Iconicity in Signed and Spoken Vocabulary: A Comparison Between American Sign Language, British Sign Language, English, and Spanish. *Frontiers Psychology*, 9, art. 1433, 1-16.
- Perniss, P., & Vigliocco G. (2014). The bridge of iconicity: from a world of experience to the experience of language. *Philosophical Transactions of The Royal Society of Biological Sciences*, 369, 1-13
- Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. (1992). *Linguagem de Sinais*. Cesário Lange, SP: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados.
- Su, S. –F. (2004). *Iconicity in Taiwan Sign Language*. Unpublished Master Thesis of Graduate Institute of Linguistics in National Chung Cheng University.

Tai, J. H-Y. (2001-2005). *Study of Taiwan Sign Language: Phonology, Morphology, Syntax and Digital Graphic Dictionary*. National Chung Cheng University. Research Project funded by National Science, Taiwan.

Taub, S. (2000). Iconicity in American Sign Language: concrete and metaphorical applications. *Spacial cognition and computation*, 2, 31-50. Netherlands.

Taub S. (2001). *Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.